

O tesouro contido no depósito da fé

"As palavras de Cristo são sempre cumpridas, mas da mesma forma também estão também em via de cumprimento; todos os dias eles são cumpridas, mas seu cumprimento nunca termina "(Orígenes)

Como de uma rica mina de ouro ou diamantes, sempre podem ser extraídos novos fios ou novas gemas, e delas, com o avanço da ciência e da tecnologia, é possível um trabalho cada vez mais refinado, que dá espaço para apreciá-lhes sempre mais o valor e preciosidade. Assim é com o depósito da fé. É composto de tudo o que Cristo nos revelou. Deus procura o homem para se revelar a ele e estabelecer com ele uma aliança de amor. A primeira aliança, que Deus estabeleceu com Abraão, foi cumprida em Jesus: autor da Nova e Eterna Aliança. Foi Ele quem nos mostrou verdadeiramente o Rosto do Pai, através da Sua Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição. Ele é "o Verbo eterno" por meio de quem o Pai nos disse tudo o que precisávamos saber e tudo o que Ele queria nos dizer sobre Si mesmo para nossa salvação.

Cada palavra de Cristo, cada gesto seu, cada atitude, cada obra que realizou, tem valor eterno e é para nós a revelação do Pai, fala-nos do Pai e nos fala da parte do Pai. O depósito da fé foi confiado primeiro aos Apóstolos e depois aos seus sucessores Bispos, precisamente para que nada se perdesse, mas, pelo contrário, fosse preservado com cuidado, aprofundando cada vez mais a compreensão da fé, segundo a Palavra do Senhor: "*Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e anunciar-vos-á as coisas que virão. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso, disse: Há de receber do que é meu, e vo-lo anunciará.*". (Jo 16, 12-15)

Ao longo dos séculos, os Padres da Igreja trabalharam arduamente para tornar explícitas as verdades da fé contidas na Revelação, para formulá-las cada vez melhor, às vezes cunhando novos termos, ou dando novos significados a termos filosóficos já existentes.

Muitas dessas verdades estão contidas no Credo, as outras estão intimamente ligadas a elas:

Deus um e trino: Pai, Filho e Espírito Santo; a Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo; a Igreja; a remissão dos pecados; a ressurreição da carne e a vida eterna.

Também a liturgia, com as suas celebrações, festas e solenidades, permite-nos aprofundar e viver vários dogmas não expressos no Credo, como o Corpus Domini (Corpo de Deus) ou a Imaculada Conceição.

"Na liturgia encontramos a exposição completa e simples, ordenada e profunda de todas as maravilhas operadas por Deus para a nossa santificação e a nossa saúde; lá encontramos a Revelação no que há de mais perfeito e mais adequado para nossas almas; numa exposição que fala aos olhos do corpo e da imaginação, movendo nas suas profundezas mais íntimas a alma que a acompanha cuidadosamente." (Columba Marmion, Cristo Ideal do monge XVI, IV)

Os dogmas da fé

CIC 88. O Magistério da Igreja faz pleno uso da autoridade que lhe vem de Cristo quando define algum dogma, isto é, quando, de uma forma que obriga o povo cristão a uma irrevogável adesão de fé, propõe verdades contidas na revelação divina, ou mesmo quando propõe de forma definitiva verdades que têm uma conexão necessária com elas.

Portanto, as verdades da fé são sempre as mesmas, o tesouro que Cristo confiou aos seus discípulos permanece inalterado. O que aumentou é a compreensão de fé, a consciência dos crentes a respeito da profundidade e preciosidade desse tesouro. Mas não se trata de um tesouro inerte, petrificado, como se fosse uma simples lembrança do passado; mas de uma realidade viva e atuante, como o próprio Cristo está vivo e atuante na Igreja.

A Igreja sentiu a necessidade de afirmar fortemente essas verdades, mesmo contra doutrinas contrárias ou enganosas, que longa a história foram propostas pelos hereges, e afirmá-las de forma clara e obrigatória.

O **dogma** é precisamente isto: uma verdade revelada por Deus e infalivelmente definida como tal pela Igreja. Literalmente, a palavra "dogma" em grego significa "opinião, doutrina", mas também pode significar "decreto,

prescrição legal". Parece ter sido usado pela primeira vez com seu significado atual em 1563 por Melchor Cano (teólogo católico espanhol, filósofo e bispo).

O conteúdo da verdade, que o dogma expressa, está incluído na Revelação, a fórmula do dogma, por outro lado, é fruto do estudo e da meditação da Igreja ao longo do tempo e pode ser aperfeiçoada, para expressar cada vez melhor a verdade a que se refere.

A Tradição da Igreja, como foi dito, é uma realidade viva, que cresce com quem a medita, quem a estuda com fé e amor, por isso o desenvolvimento dogmático muitas vezes se deve precisamente a uma maior compreensão da Revelação. O dogma da Assunção de Maria ao Céu em corpo e alma, definido por Pio XII em 1950, é um deles.

Outras vezes, porém, foram as adversidades, as acusações, os momentos difíceis, em que certas verdades foram atacadas, distorcidas ou questionadas, que permitiram uma maior reflexão, uma formulação mais clara, uma definição real dessa verdade, já conhecida, mas ainda não bem definida.

Nos primeiros séculos da Igreja, por exemplo, alguns hereges negavam que Cristo fosse homem e Deus, alguns diziam que ele era apenas Deus, outros que ele era simplesmente um homem, ou uma "divindade inferior", e muito mais. Esta foi a ocasião para aprofundar e tentar compreender, através da oração, estudo e discussão, o que era a verdade; chegando a afirmar que Ele é verdadeiro homem e verdadeiro Deus: "... Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma substância do Pai [...] para nós homens e para nossa salvação desceu do Céu e por obra do Espírito Santo encarnou no seio da Virgem Maria e se fez homem" (Credo Niceno-Constantinopolitano).

Séculos depois, porém, o protestantismo negou a validade de alguns sacramentos (Lutero afirmou que os únicos sacramentos são o batismo e a eucaristia), então o Concílio de Trento, após um longo e cansativo trabalho, veio a definir irrevogavelmente que os sacramentos são sete, listando como os conhecemos, e reiterando que todos foram instituídos por Cristo, são diferentes uns dos outros, necessários para a salvação e conferem graça. Já existiam antes, sempre presentes na Igreja, embora com formas diversas nas várias épocas, mas as circunstâncias impunham a necessidade de afirmar a verdade com maior força e clareza.

Os vários dogmas, então, como todas as verdades da fé, estão ligados entre si, entrelaçados como a trama de um tecido, embora com graus variados de importância. Por exemplo, quando os hereges afirmavam que Cristo era simplesmente um homem, eles também afirmavam - conseqüentemente - que Maria era a mãe de um homem ("cristotokos") e não de Deus ("teotokos"). Assim, quando os Padres da Igreja definiram que Cristo era inseparavelmente Deus e homem, confirmaram também que Maria Santíssima era realmente a Mãe de Deus.

Compreender para amar, conhecer para viver - o sentido sobrenatural da fé

"Procure meditar todos os dias nas palavras do teu Criador. Aprenda a conhecer o Coração de Deus nas palavras de Deus, para que tu possa desejar mais ardentemente os bens do Céu" (São Gregório Magno, Epístola XXXI 54) CIC 89. Existe uma ligação orgânica entre dogmas e nossa vida espiritual. Os dogmas são luzes no caminho da nossa fé, iluminam-na e tornam-na segura. Inversamente, se a nossa vida for justa, a nossa inteligência e o nosso coração estarão abertos para acolher a luz dos dogmas da fé [cf. Jo 8, 31-32].

Esses dogmas, essas verdades claras e distintas, são um grande dom para nós, certezas luminosas em nosso caminho, fruto do esforço e do amor da fé daqueles que nos precederam e trabalharam para que tudo isso chegasse a nós, sem empobrecer, mas, pelo contrário, tornar-se cada vez mais claro. Hoje, de fato, temos a oportunidade de saborear essas verdades, de ler o que os santos escreveram, meditaram, oraram sobre elas. Muitas das dúvidas que poderiam surgir sobre a fé, já outros questionaram antes de nós, encontrando uma resposta iluminada por uma fé ardente. Somos como anões sobre ombros de gigantes. Este tesouro é colocado em nossas mãos, valentemente guardado por nossos Pais, para que também nós, abrindo-nos à ação do Espírito Santo, o entreguemos multiplicados às gerações futuras.

O Espírito Santo, que inspirou as Escrituras e nos falou através dos Padres da Igreja, pode realmente levar-nos a descobrir os tesouros que nela estão escondidos. Cada um de nós é chamado a entrar nesses mistérios para provar sua doçura, saborear toda sua beleza e assim trazer, com a própria santidade, aquela luz que ainda não foi acesa sobre eles. Todo o Revelação é um talento dado a cada batizado para que dê fruto com a própria vida.

CIC 91. Todos os fiéis participam na compreensão e transmissão da verdade revelada. Eles receberam a unção do Espírito Santo que lhes ensina tudo [Cf 1 Jo 2:20; 1 Jo 2,27] e os guia "para toda a verdade" (Jo 16,13).

Mas há também outro aspeto pouco conhecido sobre isso, e é o sentido sobrenatural da fé ou *sensus fidei* fidelium. É a conaturalidade com a verdade revelada, uma espécie de sensibilidade espiritual que nos faz reconhecer o que pertence à verdade revelada. A conaturalidade permite uma forma de conhecimento original e profundo, neste caso é produzida no homem pela virtude da fé, aperfeiçoada pelos dons do Espírito Santo, e é infalível.

É uma luz particular que vem do Espírito Santo, uma sensibilidade espiritual, que se exerce junto com os outros fiéis "desde os bispos até os últimos fiéis leigos".

De fato, a infalibilidade do sentido sobrenatural da fé se manifesta quando há também o consentimento dos fiéis (*consensus fidelium*), ou seja, quando há unanimidade dos fiéis em crer numa verdade de fé. A importância do *sensus fidei* na vida da Igreja foi fortemente enfatizada pelo Concílio Vaticano II.

O dogma da Imaculada Conceição, por exemplo, só foi proclamado em 1854 por Pio IX, mas era uma crença que sempre esteve presente na fé dos crentes. O mesmo se aplica ao dogma da Assunção. Em 1946, o Papa Pio XII enviou uma carta encíclica aos bispos de todo o mundo pedindo que o informassem "sobre a devoção de seu clero e de seu povo (considerando sua fé e sua piedade) a respeito da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria". E recebeu "uma resposta afirmativa quase unânime." A crença na Assunção de Maria estava de fato "profundamente enraizada na alma dos fiéis". Pio XII referiu-se então ao "ensino concordante do magistério ordinário da Igreja e à fé concordante do povo cristão".

Crescimento na compreensão da fé

CIC 94. Graças à ajuda do Espírito Santo, a compreensão das realidades e das palavras do depósito da fé pode progredir na vida da Igreja:

- "Com a reflexão e estudo dos crentes, que os meditam em seus corações"; [Conc. Ecum. Vat. II, *Dei Verbum*, 8], em particular "a pesquisa teológica... continua no profundo conhecimento da verdade revelada" [Conc. Ecum. Vat. II, *Gaudium et spes*, 62; ver 44; Id., *Dei Verbum*, 23; 24; Id., *Unitatis redintegratio*, 4].
- "Com a profunda compreensão de que" os crentes "experimentam as coisas espirituais"; [Conc. Ecum. Vat. II, *Dei Verbum*, 8] "as palavras divinas crescem junto com quem as lê" [São Gregório Magno, *Homilia in Ezechielem*, 1, 7, 8: PL 76, 843D].
- "Com a pregação daqueles que, por sucessão episcopal, receberam um certo carisma de verdade" [Conc. Ecum. Vat. II, *Dei Verbum*, 8].

Procuremos dedicar tempo, em nossa semana, em nosso dia, à leitura da Palavra de Deus, para conhecê-la melhor e familiarizá-la. Deixemos que a Palavra de Deus nos fale, ouçamo-la no silêncio do nosso coração, dêmos-lhe a oportunidade de nos conduzir às respostas que procuramos, de nos colocar aquelas perguntas que podem mudar-nos radicalmente fazendo-nos semelhante a Jesus. Quanto mais a Palavra entra em nós, mais a deixamos penetrar em nós com a sua verdade, mais ela iluminará a nossa vida, mostrando-nos concretamente como escolher o bem, como crescer na fé, na esperança e na caridade, visando um alto padrão de cristianismo. Quanto mais nos aprofundarmos nele, mais seremos fascinados por ele.

A escuta da catequese, da homilia dominical e das conferências espirituais é também uma preciosa oportunidade de crescimento interior. Nossa alma tem sede da Palavra de Deus e da Verdade mais do que pensamos. Se saciarmos essa sede, sentiremos o benefício. Maior conhecimento abre as portas para um amor maior, para uma vida cristã mais consciente e profunda.

Se, por exemplo, compreendermos verdadeiramente que o próprio Cristo na sua pessoa está presente na Eucaristia e penetrarmos profundamente neste mistério, não poderemos mais viver a Santa Missa distraidamente ou comunicar superficialmente. E, se chegarmos a isso, progrediremos muito na união com Deus, vivendo tudo em Sua presença, em Sua companhia. Em outras palavras: nos beneficiaremos grandemente espiritualmente e humanamente. Ele permanece connosco na Eucaristia para melhor chegar ao coração de cada um. Entender isso é o primeiro passo para poder implementá-lo.

"Existe de fato um conhecimento intelectualista de Cristo, que é restrito à mente; assim pode-se estudar o Evangelho, saber como foi composto; conhecer as fontes, o texto, os comentários que foram feitos; mas será ciência estéril e fria se não for inspirada pelo amor. Há outro conhecimento, que não vem nem da curiosidade

espiritual nem do prazer intelectual; mas do amor que busca o objeto amado para se unir a ele, e se esforça para conhecê-lo mais para amá-lo cada vez mais. Esta é a ciência que vem do amor e a ciência prática o guia; um estudo tão intenso é fruto da fé e se transforma em oração, em contemplação; uma ciência verdadeiramente necessária, que deve ser cultivada, porque é o princípio do amor ardente.

Deus não nos revelou as verdades da fé para mantê-las escondidas em um sudário (Lc 19,20); como se não merecessem ser estudados. O depósito da Revelação nos foi confiado, para que o estudemos humildemente, sob a orientação da Igreja; e nos esforçamos para extrair dela os tesouros que contém, para a glória de Deus e para o bem de nossas almas. A vida dos santos mostra-nos o quanto Deus gosta da busca da verdade, que leva a uma caridade mais generosa: quando quer elevar uma alma inculta, como Santa Catarina de Sena, a grandes alturas, faz-se seu Mestre, através do Espírito Santo, e com graça infunde-lhe o conhecimento dos mistérios mais profundos, para que encontre alimento e um amor mais amplo. Convençamo-nos de que estudar as verdades da fé significa usar o talento que nos foi confiado por Deus e trabalhar para a nossa santificação". (Columba Marmion, Cristo Ideal do monge XVI, IV)